

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NUMA TURMA DE EJA.

SILVA, Jeane Maria Bezerra de Brito ¹

SILVA, Renata do Nascimento ²

SABINO, Valéria Rodrigues ³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo relatar sobre as práticas pedagógicas realizadas no Estágio em Docência na Educação de Jovens e Adultos – EJA, por meio do Programa Residência Pedagógica- PRP, em uma escola pública, localizada na cidade de Santana do Ipanema/AL. As intervenções tiveram como foco principal contribuir no processo de leitura e escrita atreladas ao tema: as tradições indígenas. O processo metodológico consistiu em uma abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de cunho bibliográfico e pesquisa-ação, realizada com uma turma modular do 1º ao 5º ano, com alunos em níveis pré-silábicos e alfabéticos. Para a coleta de dados foi utilizada a observação sistemática, bem como, o diário de campo, registro reflexivo e fotografias. Os resultados da pesquisa apontam que o envolvimento dos discentes em uma atividade cujo o tema eles têm curiosidade em aprender, é mais satisfatória, torna a aprendizagem mais significativa, pois os conhecimentos prévios constituem a base para novas aprendizagens.

PALAVRAS-CHAVE: educação de jovens e adultos e idosos; tradições indígenas; leitura e escrita; aprendizagem significativa.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do Programa Residência Pedagógica – PRP (CAPES), Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL – Campus II, jeane.silva@alunos.uneal.edu.br.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do Programa Residência Pedagógica – PRP (CAPES), Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL – Campus II, renata.silva4@alunos.uneal.edu.br.

³ Psicopedagoga. Professora auxiliar do Curso de Pedagogia- UNEAL, docente orientador voluntária do Programa Residência Pedagógica- PRP (CAPES), Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL – Campus II, valeria.rodrigues@uneal.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre experiências vivenciadas durante o Estágio em Docência na Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJAI, com uma turma da EJA modular (1º ao 5º ano), abrangendo alunos de diversos níveis de leitura e escrita, com idades e contextos diferentes, numa unidade de ensino da rede pública municipal, localizada em Santana do Ipanema/AL, médio sertão alagoano.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2022 cerca de 9,6 milhões de brasileiros eram analfabetos e a maioria desses sujeitos viviam na região Nordeste, sendo em sua totalidade 5,3 milhões. Ainda nessa perspectiva, ao analisar a idade desses sujeitos a sua grande maioria tinha idade entre 60 anos ou mais. Portanto, ao se deparar com esses índices de analfabetismo, sobretudo, em nossa região, percebe-se a importância de garantir acesso à educação básica a todos os indivíduos e assecuração das políticas públicas voltadas a essa modalidade, como uma forma de incluir aqueles que foram negligenciados pelas suas vidas cotidianas.

Desse modo, é notório que nos dias atuais, a luta pela conquista de uma educação de qualidade para aqueles que foram colocados à margem da sociedade ainda se faz necessária. A Constituição Federal de 1988, assegura em seu artigo 208, que é dever do Estado, a garantia de “ensino fundamental obrigatório assegurado, inclusive, sua oferta gratuita para todos que a ela não tiveram acesso na idade própria”, além de “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições dos educandos”.

“O reconhecimento da Educação de Jovens e Adultos como um direito é questão de sentido antagônico, pois se ainda existe a necessidade de direcionar o ensino básico, em fase inicial para pessoas jovens e adultas é porque de alguma forma o direito a educação já lhes foi negado em outro momento de suas vidas” (Lima, 2011, p, 23).

Com isso, a luta para a efetivação de uma educação de qualidade para jovens, adultos e idosos deve ser permanente, almejando a formação de sujeitos críticos, ativos e conhecedores de sua própria cultura, ou seja, deve ser uma educação que caminhe de mãos dadas com a realidade de cada aluno, entendendo que são indivíduos com múltiplas trajetórias.

Em suas obras, Freire enfatiza muito a questão dos professores ensinarem aos alunos não só os conteúdos estabelecidos pela escola, mas adaptá-los ao contexto social de cada um, para que assim, os mesmos possam entender e modificar a realidade em que vivem e não serem manipulados por aqueles que de alguma forma os oprime, pois ele menciona que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Nesse sentido, entende-se que antes de aprender a ler e escrever no sentido tradicional, os alunos precisam compreender o contexto social.

Partindo desse pressuposto, é importante trazer para essas discussões as concepções de jovens e adultos, tendo em vista que tais informações são extremamente importantes. Sendo assim, de acordo com o dicionário Aurélio, o termo adulto se refere a indivíduos que atingiram o máximo de seu crescimento e a plenitude de suas funções biológicas. Ainda nesse sentido, podemos conceber a definição de jovem como uma etapa de desenvolvimento e construção de identidades e autonomias, marcadas por processos de desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. Nessa linha de pensamento Rezende (2016) afirma que:

“Na sociedade capitalista, com o advento da industrialização tem-se uma separação da juventude burguesa e da proletária. Os jovens filhos de trabalhador eram inseridos precocemente no mundo do trabalho. Já para os jovens burgueses esse período da vida era entendido como uma etapa de amadurecimento” (p. 3).

Assim, entendendo o contexto da EJAI, percebe-se que nos dias atuais os jovens e adultos possuem várias concepções a depender da classe social e do contexto em que estão inseridos, pois a maioria dos sujeitos que compõe essa modalidade são público de trabalhadores: autônomos e agricultores oriundos da zona urbana e rural do município. Diante disso, as nossas práticas se findaram a partir da própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com adaptação do ensino fundamental I, tendo em vista, que a modalidade da EJAI não tem currículo voltado para atender a esse público. Sendo assim, escolhemos as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes, tendo com eixos os objetos de conhecimento: estratégias de leitura, para a disciplina de Língua Portuguesa e Materialidades e patrimônio cultural.

A realização da ambientação na escola campo de estágio permitiu conhecer a clientela atendida e as necessidades da mesma. Após essa etapa foi o momento de adentrarmos na turma de regência. A partir das observações sistemáticas realizadas

na classe, percebeu-se a necessidade de colaborar com o processo de leitura e escrita dos estudantes, tendo como temática transversal do projeto de intervenção “as tradições indígenas” tema que ganhou bastante destaque na sala, quando indagados sobre o que queriam estudar, e ainda completaram que queriam estudar os indígenas porque foram os primeiros povos da civilização do Brasil e que exercem uma grande influência no nosso país.

Desse modo, para dar embasamento a nossa pesquisa, utilizamos como referenciais teóricos Lima (2011), Freire (1989), Rezende (2016), Ferreiro & Teberoski (1999).

2. METODOLOGIA

O artigo tem como base a pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisas documental e bibliográfica e da pesquisa-ação, realizada por uma dupla de estagiárias, a partir do Estágio de Docência na Educação de Jovens, Adultos e Idosos numa turma de dez estudantes do 1º ao 5º ano, em uma escola municipal, localizada em Santana do Ipanema/AL.

Em relação aos processos metodológicos, o projeto se deu em diferentes etapas distintas e fundamentais no processo de elaboração, sendo elas: ambientação, intervenção e avaliação. Na primeira etapa, a ambientação, foi feito um estudo mais detalhado do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, por meio de entrevista semiestruturada, no intuito de conhecer melhor o espaço que iríamos adentrar, bem como toda a sua dinâmica educacional. Foi realizada também a ambientação da turma e para isso, foi feita a observação sistemática por meio de um roteiro, sendo indispensável o nosso olhar sensível e pensante para que pudessemos conhecer melhor a turma no intuito de planejar as aulas e executá-las em diálogo com a professora.

Na intervenção, objetivamos trabalhar as tradições indígenas (tema indicado pelos estudantes) como tema transversal nas disciplinas de Língua Portuguesa e Artes, apoiando nossas práxis na própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trabalhando os eixos: “Análises Linguísticas/Semiótica” e “Leitura/Escuta”, para a Língua portuguesa e “Artes integradas” e “Artes visuais” para Artes, a partir de aulas

dinâmicas com o intuito de despertar o interesse e curiosidade dos estudantes, visando a participação e o envolvimento dos mesmos.

Por fim, chegamos a última etapa que foi a avaliação, onde se deu através dos registros no diário de campo e também de registros reflexivos (após cada regência), com intuito de avaliar nossas práticas e analisar se os objetivos propostos estavam sendo alcançados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as regências buscamos fazer atividades acerca do tema do projeto de intervenção, comidas, pinturas, artistas indígenas, modo de vida. E sempre procurando focar na leitura e escrita, com aulas dinâmicas para que os alunos pudessem gostar e se sentissem acolhidos e pertencidos, mas claro que sem infantilizar as atividades.

Em decorrência regências realizadas tivemos algumas práticas que foram bastante significativas, tais como: o documentário exibido aos alunos em relação ao modo de vida dos indígenas, ao término foram feitas perguntas aos estudantes acerca do documentário, os estudantes participaram com muito entusiasmo, fazendo perguntas, e compartilhando a importância que o documentário teve, pois eles não conheciam a realidade de como os indígenas viviam.

Figura 01. Documentário: *“Índio não sou”*.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

A atividade que apresentava artistas indígenas, foi desenvolvida por meio de fotografias de alguns artistas escritores, pintores. Paralelo a exposição foi lido o

poema: “Índio não sou”, da escritora Márcia Kambeba, onde discutimos que os indígenas não são pessoas estereotipadas, são sujeitos que possuem profissões, que convivem na sociedade como qualquer outra pessoa e que mesmo assim não deixa de lado suas origens e nem deixam de pertencer a um povo.

Figura 02. Apresentações de artistas indígenas, por meio de fotografias.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Outra atividade bastante exitosa, foram as pinturas indígenas nas telhas. Afixamos no quadro branco algumas pinturas indígenas, explicando seus traços e o sentimento que cada pintura expressava. Após discussão foram entregues telhas, tintas e pinceis para que os alunos reproduzissem as pinturas indígenas, escolhendo o sentimento que eles mais se identificavam naquela noite. Os alunos além de reproduzir, foram bastante criativos, desenhando seus próprios traços e falando sobre o que eles significavam para cada um.

Figura 03. Pinturas indígenas e suas representações.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Como produto final da nossa regência, foi feita a atividade com comidas típicas indígenas: tapioca, mandioca, bolo de milho, paçoca e suco de frutas. A atividade era com os olhos vendados para os alunos descobrirem o alimento na comida através dos sentidos: tato, paladar e olfato.

Figura 04. Produto final do estágio – comidas indígenas.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Por fim, realizamos diversas práticas para além do exposto, com caça-palavras, bem como, leituras de poemas, escritas que ajudavam os alunos a localizar as informações explícitas no texto, afim de que todas as atividades fossem atreladas as habilidades pensadas para cada aula, tendo em vista que nossos planejamentos tiveram como foco os códigos da BNCC voltados a leitura e escrita, bem como artes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio na etapa de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, nos proporcionou um olhar mais reflexivo, atento sempre às necessidades da turma, tendo em vista que foi um desafio para nós residentes que atuamos na educação infantil, e tivemos o privilégio de atuar em um estágio totalmente diferente de nossas práticas profissionais. Diante dos objetivos propostos no projeto de intervenção a partir da ambientação e do perfil da turma, percebemos que a cada regência foi notório o avanço, e o quanto se sentiam à vontade para expressar suas ideias e dialogar sobre suas dúvidas.

Nas atividades sempre priorizávamos a leitura e escrita, que é um desejo sempre presente na turma, aprender a ler e escrever, afinal, por vezes o mundo letrado os afastaram de muitas oportunidades ao longo de suas vidas, o que fez com que voltassem para a sala de aula em busca de melhorias e realizações pessoais.

Em todas as aulas existiam espaço para que os educandos refletissem o seu meio, questionassem e trouxessem suas vivências para a sala de aula, que servia de âncora no processo de aprendizagem de novos conhecimentos. Apesar dos avanços, também tivemos alguns desafios postos em uma sala de aula de EJA, visto que, era preciso todo um repertório de conhecimentos bibliográficos para planejar as aulas, como a forma de promover a interação com a linguagem, sem infantilizá-la. Assim as particularidades dos estudantes carecem de um olhar acolhedor, sem julgamento ou distinções, é saber compreender e respeitar a história de cada um, tornando possível uma educação para além do acesso, uma educação de qualidade para todos.

5. AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)- Código de Financiamento 001. Bem como, agradecer ao Programa Residência Pedagógica- Núcleo II, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), na pessoa da docente orientadora: prof.^a Valéria Rodrigues Sabino.

REFERÊNCIAS

CARRANO, 2007, p.66 apud MOURA, 2007, p. 72.

FERREIRO, Emilia “Psicogênese da língua escrita”/ Emilia Ferreiro, Ana Teberoski: tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marcos, Mário Corso.- Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Ana Maria de Araújo. Paulo Freire: sua vida, sua obra. Educação em Revista. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/663-Texto%20do%20artigo-2347-1-10-20110510.pdf> Acesso em: 28 out. 2023.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão. Instrumentos metodológicos I.** 2 ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. “**IBGE Educa jovens**”. 2022. Disponível em: <[https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=Analfabetismo,pessoas\)%2C%20na%20Região%20Sudeste](https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=Analfabetismo,pessoas)%2C%20na%20Região%20Sudeste)>. Acesso: 25 out. 2023.

LIMA, Divanir. “Educação de (Jovens e) e Adultos: tentativas de reconstrução de uma trajetória.” 2011.

REZENDE, Rayssa Pinto. **Uma breve discussão sobre a categoria juventude a partir de sua dimensão espacial.** II Colóquio do NUGEA. Juiz de Fora, MG: 2016. Disponível em:<<https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2016/06/Texto-Nugea-Rayssa-Pinto1.pdf>> Acesso em: 28 out. 2023.